
TRADUÇÃO

DA INTERPRETAÇÃO GEOGRÁFICA DAS PAISAGENS ¹

Paul Vidal de La Blache ²

Tradução: Guilherme da Silva Ribeiro

Depois que a geografia pedagógica saiu do gabinete onde, muito voluntariamente, se encerrava, e pôs-se a observar diretamente a natureza, a interpretação das paisagens tornou-se um de seus principais objetos. É uma arte delicada, sobre a qual não é talvez inútil atrair brevemente a atenção do Congresso. Nela, a análise e a síntese tem, cada uma, seu papel. A primeira se esforça em distinguir os traços heterogêneos que integram a composição de uma paisagem e, tal como as causas passada e presente se misturam nas formas do relevo, este gênero de interpretação tem um pouco de exegese. Porém, de outro lado, esta paisagem forma um todo, onde os elementos se encadeiam e se coordenam; sua interpretação exige uma percepção lógica da síntese plena de vida que se põe sob nossos olhos.

I. Vale a pena dizer que a maior parte desta interpretação deve ser feita no estudo de campo. Ela é a arquitetura da paisagem; talvez a paisagem mesma. Na medida em que se apresentam unidas ou acidentadas, plásticas ou contrastadas ³, prevalece um certo estilo. Porém, há que se dizer: chegará um momento que tal parte do espetáculo que cerca nossos olhos se separará. O caso não se apresenta somente nas regiões muito movimentadas, como nos Alpes: basta que tal rocha friável suceda à tal rocha dura, ou que, como nos *pays* de Bray ou no Boulonnais, uma simples curvatura exponha terrenos de texturas diferentes, abrindo caminho para a erosão. Um olho treinado não se detém a esta modalidade geral ⁴. Na escultura a qual se entregam os diversos agentes de erosão, (cada um com sua maneira própria de atuar), há diferenças não somente quanto à desigual dureza dos materiais, mas ao uso anterior que eles tinham sido submetidos. Prolongado tal uso por muito tempo, tornam-se mais sensíveis aos agentes do modelado, mais frágeis no tocante aos efeitos desestruturadores. Há tanto diferenças de idade quanto de rochas. A uniformidade geral das linhas — na Bretagne, p.ex. — é a expressão deste uso prolongado. Mas lá, como em outros lugares, fragmentos de testemunhos permanecem eminentes. Tal colina isolada, tal pequena colina, nos campos da Ile-de-France, não se coordenam com uma linha de nível em parte atrofada ou corroída? Tal vale atual não se inscreve em um vale maior, de onde subsistem alguns rudimentos? Tantas questões que se colocam face aos lugares; tantas análises que, por si só, se justificam, à medida em que expliquemos melhor que a maior parte das superfícies tem se submetido à ação do tempo e, assim, portam suas cicatrizes.

Há paisagens onde a linha domina; onde, como num templo grego, tudo é a ela subordinado. Como certas paisagens do Colorado, onde a cor apenas acentua seus desenhos. Mas, em geral, a água (sob

todas as formas e com os fenômenos meteóricos que ela engendra), a vida vegetal (com suas associações, suas características hidrófilas ou xerófitas etc.) e as obras do homem se combinam com os alinhamentos do relevo para compor a imagem que enquadra o horizonte. Contentemo-nos em indicar estas ricas matérias para observação. Deixo aos botanistas-geógrafos o cuidado de mostrar as influências que a água, as diferenças de terreno e a proximidade com o mar exercem sobre a cobertura vegetal. Mas, em seguida, proponho-me a procurar se algum traço deste encadeamento também se manifesta nas obras do homem.

II. Sem cair num excesso de determinismo que não seria menos falacioso que o inverso, podemos afirmar que agrupamentos, culturas, movimentos e relações do homem não escapam a esta rede de causas e efeitos. Os geógrafos de ontem se preocupavam — ainda que nem sempre o faziam — em explicar a posição das cidades mais importantes, embora suas atenções não tenham ido além das aldeias ou os modos de agrupamento mais simples⁵. Estas são, portanto, as formas mais elementares e que melhor revelam os motivos que o homem teve para escolher tal lugar, e não outro, para criar nele as condições necessárias de existência. Ora sua escolha foi determinada pelo afloramento de camadas impermeáveis: nas vertentes da Ile-de-France, álamos à meia-altura anunciam, seguramente, uma aldeia (ou, pelo menos, uma fazenda ou um castelo), bem como a presença de uma camada de argila⁶; ora ele foi atraído pela contiguidade sob uma longa extensão de terrenos diferentes, permitindo uma tal combinação de recursos como madeira, pradarias e campos cultivados, como observamos tão bem na Lorena sob os confins de argila arenosa e de calcaires coquillers⁷. No *pays* em que estamos, não seria necessário insistir sobre a atração que exerceram as encostas bem determinadas, os terraços ao abrigo das inundações, as *placages morainiques* oferecendo elementos variados de solo. Diríamos, portanto, que há zonas de predileção onde os estabelecimentos humanos tem, por assim dizer, se cristalizado, onde há muito tempo formou-se uma densidade superior de habitantes. A região de castanhal, em Vivarais, e sobretudo na Corsa, entre 40 e 800 metros, oferece um exemplo muito nítido. É o que poderíamos chamar de tipos de povoamento.

É verdade que estes tipos estão sujeitos à modificação, como o estão todas as obras humanas. Aqui, as populações descem das alturas em direção à planície. É o caso, em nossos dias, da Argélia, da Grécia e de muitas regiões do Mediterrâneo. Em outras partes, as populações que, sob o signo da necessidade, concentravam-se em aldeias, se espalham em casas isoladas, tal como a mudança produzida em Scanie em finais do século XIX. Porém, diferente da indústria anterior, que necessitava apenas de água corrente (ou somente de uma borda), movimentava fortes massas de produtos e de homens e era obrigada pela concorrência a se concentrar sobre determinados pontos, a indústria moderna traz consigo um poder de perturbação junto aos agrupamentos humanos — perturbação limitada, entretanto, às regiões relativamente restritas onde a grande indústria fixou sua sede.

O que dizer senão que, na mobilidade perpétua dos fenômenos, certas causas novas entram em jogo? Aqui, a análise recupera seus direitos; é mister ordenar estes diferentes tipos de povoamento conforme as famílias as quais eles pertencem. Aqui, o princípio de classificação é o gênero de vida adotado. A indústria agrupa os estabelecimentos humanos segundo leis distintas da vida agrícola. Igualmente, a *élevage*⁸ traz modificações na repartição das habitações, na sua localização e no seu entorno. Assim, nos *pays* de Auge, a disseminação prevalece, e as fazendas se dispersam entre as ervas e as árvores frutíferas. Os *chalets*⁹ alpinos se disseminam sobre os flancos das montanhas, e mesmo onde prevalece o tipo de aldeias fechadas, *chalets* temporários e celeiros (Vosges) respondem às necessidades diversas e sazonais da vida pastoral.

III. Por suas obras e pela influência que exerce sobre ele mesmo e o mundo vivente, o homem é parte integrante da paisagem. Ele a humaniza e a modifica de alguma forma. Por isso, o estudo de seus estabelecimentos fixos é particularmente sugestivo, visto que é de acordo com eles que se ordenam culturas, jardins, vias de comunicação; eles são os pontos de apoio das modificações que o homem produz sobre a terra.

Não posso desenvolver aqui os argumentos exigidos por este novo aspecto da questão. Limitemo-

nos a observar que os estabelecimentos humanos introduzem um elemento de fixidez nas relações geográficas. O próprio fato deles existirem já é uma forma de sobrevivência, pois eles representam um depósito que as gerações anteriores deixam às seguintes, um fundo de valor que dispensa começar (do zero) tudo de novo. Além disso, a rede de estradas e a formação de relações assegura, em todo caso, novas razões de ser. É uma planta que estende suas raízes; assim sendo, pode também definir e morrer. Mas é raro que eles desapareçam, nos países de construções sólidas, sem deixar traços: vejam os clássicos países das bordas do Mediterrâneo, ou mesmo o México e o Iucatán. Há, como dizia Ratzel, uma geografia das ruínas, e a persistência delas nas regiões de pedra e de areia é um fato geográfico. Os autores antigos acreditavam exprimir o auge da destruição quando diziam: *Etiam periere ruinae!* Há, portanto, regiões onde as ruínas elas mesmas perecem, como aquelas onde a fragilidade dos materiais não resiste à investida dos agentes naturais, aos golpes de uma natureza poderosa tanto pela destruição quanto pela criação, e aquelas onde os estabelecimentos humanos, não tendo crescido em torno deles as fortes raízes que contribuem a assegurar sua perpetuidade, se deslocam e se transportam como a tenda de um nômade. Nestas, não resta então mais que traços parecidos com aqueles que os botanistas reencontram da floresta quando ela desapareceu (como simples plantas) e, no caso que nos ocupa, alguns vegetais ou legumes trazidos pelo homem e que continuam a crescer depois de sua partida. Os viajantes tem nos descrito inúmeras vezes este espetáculo nas regiões cultivadas da África Central.

Tal é o campo de observações, em parte inexplorado, que o estudo dos estabelecimentos humanos oferece, e que é uma das substâncias fecundas da ciência geográfica. Limite-me aqui a falar de observações que podemos fazer em nossas regiões, ao redor dos centros universitários, em excursões de estudantes e professores. Mas, para além das regiões restritas, se estendermos este gênero de observações ao conjunto da terra habitada, isto será matéria de úteis meditações. As estepes, as florestas tropicais, as bordas e os aluviões dos rios, os confins da floresta ártica e da tundra oferecem modos de estabelecimento, quer permanentes, quer temporários, que estão adaptados às condições do ambiente e particularmente ao gênero de vida que nele se desenvolveu. Aqui, a cana, a palmeira e o cipó, lá o tijolo e a terra, em outros lugares a madeira ou mesmo os flocos de neve que servem como materiais. Recordo estas grandes diversidades senão para mostrar quantos fatos podemos ver ao nosso redor estão ligados às causas gerais que agem sobre o conjunto terrestre. Pois a idéia de unidade terrestre, em qualquer manifestação estudada e em qualquer região que esta se localize, é a inspiração e o princípio originais de toda geografia.

NOTAS

¹ Nono congresso internacional de Geografia (1908). Resumo dos trabalhos do Congresso, Genebra.

² Traduzido por Guilherme da Silva Ribeiro

³ “Molles ou heurtées”, no original.

⁴ “Un oeil exercé ne s’en tiendra pas à cette modalité générale”, no original.

⁵ “Les géographes de jadis se préoccupaient — encore ne le faisaient, ils pas toujours — d’expliquer la position des villes les plus importantes; l’idée ne leur fût pas venue de porter leur attention sur les villages ou de plus humbles modes de groupements”, no original.

⁶ “Tantôt son choix a été déterminé par l’affleurement de couches imperméables: des peupliers à moitié-hauteur des côtes de l’Île-de-France annoncent aussi sûrement un village, ou du moins une ferme ou un château, que la présence d’une couche d’argile”, no original.

⁷ Envelope calcário que recobre os corpos da maior parte dos moluscos, cf. *Le nouveau Petit Robert de la langue française - 2008*.

⁸ Criação de animais destinados ao uso do homem.

⁹ Chalé, cabana de aldeão suíço onde se fazem queijos e onde as vacas se abrigam do verão nas montanhas.

Trabalho enviado em maio de 2008

Trabalho aceito em setembro de 2008